

Orpheon da Escola Normal

Realisou-se, conforme dissemos em nosso ultimo numero, em a noite de sabbado p. passado, a promettida audiçao do Orpheon da Escola Normal desta cidade.

A assistencia era avaliada em mais ou menos um mi-lhar de pessoas, estando o amplo e bello salão nobre do Collegio Piracicabano — gentilmente cedido pela sua illustrada Directora — literalmente cheio, tanto a nave como as galerias. Estava lá tudo quanto Piracicaba tem de mais fino e de mais selecto, o que representa um facto bastante significativo, pois para a festa, que fôra offerecida á culta sociedade local, haviam sido distribudos ingressos especiaes. Quer isto dizer que todos os convidados se julgaram na obrigação de não faltar, na certeza de gosarem uma **serata de arte**

como ha muito não se reproduzem aqui.

Ninguém perdeu por ter ido, porque a festa foi, indiscutivelmente, a melhor manifestação artistica que temos a registrar este anno.

O corpo coral apresentou-se completo.

A execução do programma fez-se á risca, tendo-se iniciado pelo Hymno Nacional, a 4 vozes mixtas, ouvido religiosamente de pé pela assistencia.

O segundo numero, «Patria» de V. Sacchi agradou em toda a linha. Musica suave, de rythmo lento, que sendo de autor italiano, casa-se francamente ao nosso genio, tão ao sabor do paladar nacional elle é, foi a pedra de toque por onde o publico pôde começar a comprehender o valor do conjuncto coral que o maestro Fabiano Lozano creou, organisou e elevou á altura em que paira hoje.

«Momento musical», de Schubert, para 4 vozes mixtas, que lhe succedeu, empolgou a assistencia. Composição de tessitura vivaz, co-

mo de uma fanfarra em marcha, saltitante e viva no jogo das vozes, interessou immediatamente o auditorio e prendeu-o á execução perfeita que o Orpheon lhe deu, recebendo, ao finalizar, prolongada salva.

Fechou-se a primeira parte com a «Dança das Fadas» de Grehg, numero delicioso, em que o arranjo dos elementos garantidores de successo está de tal forma disposto que impressiona ao mais leigo em materia da arte de Wagner.

Estava vencida a primeira etapa do programma e com ella já se delineara o triumpho do prof. Lozano e de seus admiraveis alumnos. A nossa platéa, que é, em geral, fria e pouca amiga de expansões, não regateava nem applausos nem commentarios de intima satisfação.

A segunda parte abriu-se com o «Hymno da Proclamação da Republica». Deu-se aqui um pequeno incidente que vale a pena relatar, pela lição que encerra:

Ao principiar o canto, uma parte da assistencia

na maioria professores e autoridades escolares — levantou-se para ouvi-lo de pé. O grosso da platéa, porém, permaneceu sentado.

Ainda que seja um dever cívico, ouvir de pé os quatro hymnos officiaes (são tão poucos: o Nacional, o da Bandeira, o da Independencia e o da Republica) não havia, à nosso ver, no caso uma quebra de praxe. Porque os «Hymno á Bandeira» de Brapheon canta, não são propriamente hymnos, si assim podemos dizer. São arranjos do prof. Lozano, verdadeiros e finos labores de arte que a sua fantasia creadora adicionou ás composições patrioticas e que fazem d'elle um grande maestroj de musica. Baste dizer que Piracicaba é o unico logar do Brasil onde se cantam esses hymnos todos a 4 vozes. Quer-nos parecer que por haver entendido isso foi que a platéa deixou de se levantar, o que redundava em elogio para a sua comprehensão esthetica.

Seguiu-se «Amor» de Sac.

chi, um mimo de graça, uma joia de arte, que nos deu a impressão de uma tenue e delicada renda de espuma, mobil e caprichosa, irrequieta e saltitante, e que o Orpheon interpretou exquesitamente e deliciosamente.

Veiu depois «Serenata Galante» de Ranzato, que obteve as honras de ser bisada. Aliás, em a festa de sabbado o nosso publico não soube esconder a sua predilecção pelos cantos sem palavras, o que se explica pela originalidade que elles apresentam e talvez mais porque o proprio Orpheon mostra, executal-os, uma interpretação mais viva e mais carinhosa.

Finda a segunda parte com a «Barcarola» de Offenbach, que foi muito applaudida e iniciada a terceira com o «Himno á Bandeira» de Braga, que tambem foi ouvido de pé, chegavamos á parte final do programma.

«Serenata» de V. Sacchi, o brilhante compositor italiano que sabe dosar em suas composições, com uma maestria e uma graça incomparáveis, os artificios e calcular-lhes sapientemente os efeitos, conseguiu do corpo coral um colorido quente e justo que arrançou fartos applausos.

O clou da audição estava, porém, reservada á «Reverie» de Schumann, canto sem palavras, a 4 vozes mixtas e a bocca chiusa.

Musica de uma doçura inexprimível, que fala á alma com a blandície de uma carícia de arminho, repassada dessa mesta e suave tristeza que brota da angustia humana de viver, teve no Orpheon o seu interprete magistral. Bisado pela assistencia, ainda foi longamente applaudido... Percebia-se que o auditorio queria um tris.

Fechou a magnifica noite da arte a imponente, a

grandiosa, a majestosa «Marcha do Tannhäuser», de Wagner, arranjo do prof. Lozano, que lhe deu o nome de Hymno á Escola. Apesar de ser numero que demanda grandes recursos e grande volume de voz, porque as suas partes vão em **fortes crescendo**, o publico não soube resistir á tentação de a bisar, acolhen-do as ultimas notas sob uma fragorosa tempestade de applausos.

Tal foi a noite de sabbado p. passado, em o Collegio Piracicabano. O maestro Fabiano Lozano deve estar orgulhoso de seus alumnos e de seu esplendido triumpho com mais esta pagina de arte deliciosa que acaba de inscrever nos annaes piracicabanos.

Nos proximos numeros, o nosso collaborador, que se occulta sob o pseudonymo de Eros, dirá as suas impressões sobre a bella audição

Journal Piracicaba de 7 de Oct. 1923.